

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE
na
Rua do Hospicio 85

Preço da assignatura por mez

Para a Corte..... 15000
Para as Províncias... 18500

AS ASSIGNATURAS
começam
no 1.º de cada mez

A DESFORRA DE UM DEFUNTO

XLV

(Continuação.)

Mimoso chamou o adelo.

— Quanto quer por este casaco? perguntou-lhe com voz commovida.

— Dez francos, e é de graça.

— Compro-o; unicamente ha uma particularidade que vai talvez contrarial-o.

— Qual é?

— O senhor mandará levar este casaco imediatamente á prefeitura de polícia.

O homem empallideceu levemente.

Mimoso, que observava-o, encolheu os hombros.

— Ora vamos! disse elle com benevolencia; não se assuste... que diabo! nenhum mal lhe faremos. Mas é preciso fallar a verdade. Donde obteve este casaco?

— Comprei-o.

— A quem?

— A uma velha.

— E quem é essa velha?

O algibebe procurou recordar-se. Em vão, porém, bateu na testa, em vão contraiu as sobrancelhas e apertou os punhos; não se lembrou.

Mimoso pôz-lhe na mão duas moedas de cinco francos, pegou no casaco e dirigiu-se para a prefectura, depois de haver dito que voltaria.

Infelizmente, o casaco verde nenhuma luz trazia á questão.

Mimoso examinou-o com a maior attenção, sondou-lhe as algibeiras, interrogou-lhe o forro, e só no ultimo momento foi que notou, do lado esquerdo, uma larga nodoa que se destacava de modo relativamente apparente na cõr macia das abas e das costas.

O dedicado agente levou logo o casaco á casa de um chimico e mandou analysar a nodoa.

Feita a experientia, o chimico affirmou que aquella nodoa tinha sido obtida com sangue de carneiro.

Deste modo, se tornavam mais espessas as trevas, em vez de se aclararem.

Comprehende-se todavia com que avidez estes estranhos factos foram acolhidos, repetidos e comentados pelos jornaes.

Uma manhã, Mimoso acabava de sahir da agua-furtada onde habitava, na rua Guénégaud, e dirigia-se para a morada de Louvet.

Habitualmente, a velha Martha, muito prolixa em suas explicações, lhe contava tudo quanto colhia nas suas conversações com as comadres da vizinhança.

Naquelle dia, porém, Mimoso ficou admiradissimo de encontral-a sobria de palavras, reservada e quasi ironica.

Unicamente, offereceu-lhe ella um calice de madeira, que seu amo conservava em reserva para as grandes occasiões; e, quando elle se dispôz a retirar-se, a velha o acompanhou até á porta.

— Ha uma cousa que sempre me preoccupou, disse ella então, e quizera ficar socegada.

— De que se trata? perguntou Mimoso.

— Trata-se do casaco.

— Como?

— O senhor ainda o tem em casa?

— Ainda.

— Pois bem! me parece que, se eu o tivesse em meu poder, conseguiria talvez descobrir...

— O que?

— Não sei... O Sr. Louvet foi sempre muito amigo de esconder as cousas... e nas algibeiras, nos forros, talvez eu encontrasse...

— Mas já procurei.

— Continue a procurar, meu amigo... Quem sabe?... talvez o senhor descubra...

Mimoso não respondeu e saiu.

Martha nunca lhe fallára assim, e evidentemente havia alli um mysterio.

Em vez de ir para a prefectura, voltou elle á rua Guénégaud.

Entrando na sua agua-furtada, o primeiro objecto que se lhe apresentou aos olhos foi o casaco.

Continuava a estar no mesmo lugar.

Unicamente, — seria uma illusão, um engano?...

— pareceu-lhe que o casaco já não estava collocado do mesmo modo que pela manhã, na occasião em que elle sahira.

Estava voltado do avesso.

Mimoso era positivo, e pouco acreditava no sobrenatural.

Accudiu-lhe imediatamente a idéa de que uma pessoa estranha penetrara na agua-furtada. Mas quem?

Com certeza, não tinha sido um ladrão, pois que respeitara o único objecto que poderia valer alguma cousa, isto é, o casaco verde.

As palavras de Martha acudiram-lhe logo á memoria, e elle apressou-se em pegar no casaco.

Depois, submetteu-o imediatamente a uma busca executada por habil e exercitada mão!

Durou isto algum tempo... e já elle desanimava, quando sentiu sob os dedos estalar um pedaço de papel, que escorregára da algibeira do lado esquerdo e fôra cahir na ponta de uma das abas.

Com um golpe de canivete abriu elle o fôrro e tirou o papel.

Tendo-o desdobrado com mão febril, pôz-se a lêr avidamente as poucas linhas que o papel continha.

Eis o que estava alli escripto a lapis:

« Pateta,

« Não és ainda bastante experto para substituir os pais Louvet. Dirige-te, á meia-noite, ao palacete d'Orvado, trajado com asseio, bem barbeado, e ahi encontrarás aquelle a quem procuras!... »

E mais nada. Mimoso ficou pensativo.

Esse bilhete seria de Louvet?... Não seria algum gracejo?...

O agente não sabia o que acreditar.

No fim de contas, tinha algumas horas diante de si para reflectir e tomar uma decisão.

Esperou, pois, mas sem interromper as suas pesquisas, nas quaes proseguia com o mesmo infatigavel zelo.

Demais, estava resolvido a ir ao palacete d'Orvado, com o trajo que lhe indicavam e á hora designada.

XLVI

Foi uma festa esplendida, que deixou profundas reminiscencias na memoria daquelles que a ella assistiram.

A Sra. d'Orvado ocupava em Pariz uma dessas posições que proporcionam grande latitude a uma mulher, e lhe permitem reunir em seus salões as ilustrações de todas as classes parizienses.

Eram apenas dez horas, e já as salas estavam cheias.

A condessa, radiante, recebia os seus convidados com seductor sorriso e attrahente amabilidade.

O conde des Aiglades andava de um para outro lado, tendo impresso no semblante o cunho de não equivoca satisfação, e dizia-se já baixinho que elle havia finalmente triumphado das resistencias da formosa viúva, e que um proximo casamento ia consagrar e tornar definitiva uma união que, na opinião de todos, existia de facto desde muito tempo.

Quanto á Julieta, era ella a única cuja fronte conservava a sua fria impassibilidade no meio daquelles semblantes a que o prazer communicava ficticia animação.

Houve um momento, entretanto, em que um relampago atrevessou-lhe o olhar: as faces tingiram-se-lhe de subito rubor, e sob o seu peito offegante viuse palpitar e correr uma emoção que ella difficilmente conseguia conter.

Gontran acabava de entrar na sala onde ella estava, e tinha caminhado direito a ella, sem se dignar volver um só olhar para aquella gente, cujas ondas tumultuosas atravessava.

Pela manhã, tinha elle recebido um convite da Sra. d'Orvado... Apresara-se em comunicar essa circumstancia á Francina, e, causa inexplicavel, fôra a propria Francina quem, para bem dizer, lhe ordenaria que fôsse aquelle baile.

Gontran não pedira explicações, e viera.

Comprimentou Julieta, logo que chegou junto della.

— Esperava-o, disse a moça; não devo, porém, occultar-lhe que receiava não viesse.

— Porque? perguntou Gontran.

— A maneira pela qual nos separâmos a ultima vez que estivemos juntos me fazia suppôr que o senhor me houvesse conservado rancor.

— Eu!

— E' verdade que, depois, teve o senhor muitas alegrias que devem tel-o consolado...

— Que quer dizer, minha senhora?

— Pois não tornou a ver Francina e não está inteiramente tranquillizado ácerca da sua sorte?

— Ah! a senhora sabe...

— Sei muitas outras cousas.

— Quaes são?

— Eu lhe direi.

— Porque não ha de ser já?

— Porque tenho confidencias que lhe fazer.

Assim fallando, Julieta indicou a Gontran uma cadeira a seu lado, e elle, intrigadissimo com o geito que a conversação ia tomando, sentou-se, na esperança de saber mais alguma cousa.

Ora, emquanto elles assim conversavam a um canto da sala, uma nova personagem acabava de entrar, e produzia singular effeito no animo de todos os convidados.

Era um homem de tez extremamente trigueira, cabellos escuros um tanto crespos, trajado irreprehensivelmente, e que trazia na casaca e em torno do pescoço diversas condecorações estrangeiras de particular esplendor.

Um murmurio de curiosidade circulou pela sala, logo que elle apareceu.

Ao que parecia, porém, era um homem modesto; pois que, em vez de procurar gozar do effeito que estava causando, atravessou lentamente as tres ou quatro salas onde a multidão se apertava avida e curiosa, e só parou quando alcançou uma especie de gabinete ou alcova, onde a Sra. d'Orvado mandara armar uma mesa com alguns baralhos de cartas.

Não havia alli senão um velhinho calvo, cujos

olinhos muito vivos escondiam-se sob um par de oculos de aros de ouro.

O homem das condecorações estrangeiras compri-
mentou e sentou-se á mesa.

Depois, volvendo um olhar para o velho:

— Quer o senhor, perguntou elle, jogar uma
partida de écarté para passarmos algumas horas?

O velho se levantou e veio sentar-se em frente
de seu interlocutor.

— Estou ás sua ordens, senhor, respondeu com
amavel sorriso; unicamente devo prevenir-o de que
serei obrigado a retirar-me á meia-noite.

— Exactamente como eu.

— Então, tanto melhor!

— Quanto deverá ser a parada?

Por unica resposta o velho pôz um luiz em
cima da mesa, e começou a baralhar as cartas.

O seu parceiro, que não era outro senão Mimoso,
poz por sua vez vinte francos em cima da mesa e
tomou o baralho que estava do seu lado.

E começaram.

As primeiras cartadas pareceram favorecer o ho-
mem das condecorações estrangeiras, e já tinha elle
marcado quatro pontos, quando o seu parceiro nem
havia virado um rei, nem ganho um só jogo.

— Ah! a partida é sua! disse o velho em tom
de admiração convicta; começo mal a noite.

— Oh! eu ainda não ganhei! respondeu Mimoso,
que já deitava olhares para o dinheiro do parceiro.

— O rei! interrompeu este ultimo com uma risa-
dinha sardonica.

Acabava de dar cartas e, com effeito, tinha voltado
o rei de copas.

E marcou o ponto.

— Proponho! disse Mimoso depois de haver olhado
para as suas cartas.

Em vez, porém, de responder, o velho applicou o
ouvido e contraiu as sobrancelhas.

— Que é? perguntou Mimoso admirado.

— Não está ouvindo?... disse o velho.

— Mas o que? responda!

— Cala-te, animal! estão fallando aqui deste lado!...
alguem acaba de entrar pela porta secreta. Estão
conversando na alcova da Sra. d'Orvado... e... é
preeiso saber...

Mimoso sentira um calafrio em todo o corpo ao
ouvir aquellas palavras; levantara-se de seu logar e
olhava para o velho com ar assustado.

— E' impossivel!... exclamou afinal, como se res-
pondesse a uma pergunta intima.

— Não ha nada impossivel! respondeu o velho.

— O pai Louvet!...

— Silencio!...

— Mas que devo então fazer?... Diga... E eu
que não o tinha reconhecido... eu que...

Louvet — pois que era elle — acabava de Ievan-
tar-se por sua vez.

Com imperioso gesto, indicou a porta a Mimoso,
ao passo que elle inclinava o ouvido para o lado
da alcova da Sra. d'Orvado.

— Raspa-te!... ordenou ao seu acolyto. Vai dar
uma volta pelo parque e observa!... Eu fico.

— Não ha pepigo?

— Se o houver, eu apitarei... Vai... e prin-
cipalmente não te envolas em cousa alguma.

Mimoso não esperou que lhe repetissem a ordem,
e em dous segundos achou-se no parque.

Que se estava passando, entretanto, no aposento
da Sra. d'Orvado, e qual era a causa do ruido que
tanto abalo produzira em Louvet?

XLVII

Momentos antes de encetada a partida de écarté
entre Louvet e Mimoso, tinha a Sra. d'Orvado sahido
das salas e entrára no seu quarto.

Onze horas acabavam de bater.

Nesse momento, passos precipitados subiam a
escada, a porta abriu-se bruscamente, e Polichinello,
pallido, de olhos espantados, cara assustada, penetrhou
no aposento.

— Até que afinal! disse a Sra. d'Orvado indo-
lhe ao encontro; ha meia hora que o senhor deveria
estar...

E ia continuar, quando notou a pallidez e a per-
turação de seu interlocutor.

— Que é isto? que tem? perguntou com ancie-
dade.

Polichinello não respondeu logo.

Passou a mão pela fronte, onde gottejava frio
suor, e apoiou-se ao respaldo de uma poltrona.

A condessa teve medo.

— Mas que é isto? insistiu ella.

— Nada! não é nada! respondeu Polichinello; só-
mente, o que acaba de acontecer-me é terrível, e cumpre
que nos apressemos.

— Explique-se!

— Fui esta noite á casa de Francina.

— E que mais?

— Hontem tinha eu descoberto o seu retiro.

— E depois?

— Esperava encontral-a sósinha, desta vez; tinha
tomado as minhas precauções... um amigo dedicado
me acompanhava... feita por nós dous, a cousa devia
ser facil... Quando, porém, penetrámos na agua-fur-
tada, sabe o que encontrámos?

— Que foi?

— Tres homens.

— Tinham-n'o trahido?...

— Eu havia cahido nas mãos dos agentes de Lou-
vet.

— E corria o risco de ser preso...

— Sem duvida, que era essa a intenção delles;
ao primeiro lance d'olhos, porém, adivinhei-os e quiz
fugir; — os tres marotos, porém, agarraram-me pela
gola.

— Mas o senhor escapou-lhes.

— Sim, escapei-lhes... mas foi preciso manejar
a faca.

— Que está dizendo?

— Oh! elles eram tres. Atirei um por terra, ator-
doei o outro, e, quanto ao terceiro, palavra! creio
que está de contas justas...

— Desgraçado!

— Oh! é facil fallar!... Eu ia com boas maneiras; mas foram elles que começaram...

— Então, feriram-n' o?

— Veja!

Polichinello descobrio o peito, e a Sra. d'Orvado pôde vêr um grande ferimento, cujo sangue elle estancára o melhor que havia podido.

A condessa soltou um grito de horror, e tapou o rosto com as mãos.

— Ah! disse Polichinello, procurando reagir contra a dôr horrivel que estava sentindo, não é nisto que consiste o maior mal.

— Então que mais ha?

— Ha... que o desapparecimento de Francina é obra de um homem que é muito mais experto do que nós.

— Que homem é esse?

— Louvet.

— Pois Louvet não morreu?

— Qual! finge-se de morto... e nada mais. A sua morte é um ardil, e não é mal imaginado... disse elle lá consigo que, fingindo-se morto, poderia vigiar-nos commodamente, e cahir-nos em cima no momento azado...

— Somos então espreitados?...

— E precisamos pôr-nos ao fresco...

— Como?

Polichinello aproximou-se da porta, e, fechou-a com duas voltas.

Depois, voltando para junto da Sra. d'Orvado:

— Vou ficar aqui alguns minutos, disse, para cuidar deste ferimento... Quanto á senhora, desça por este lado, ganhe o jardim e mande avisar o conde des Aiglades.

— Pensa então que o perigo está imminente? perguntou a Sra. d'Orvado, que já começava a possuir-se de profundo terror.

— Tenho essa certeza.

— E que direi ao conde?

— Diga-lhe que, se elle não quizer ir respirar os ares de Toulon ou de Brest, fará bem em mandar preparar uma carruagem de posta e ganhar a fronteira sem mais demora.

A Sra. d'Orvado extremitamente toda ao ouvir aquella resposta, e, sem prolongar mais a conversação, desapareceu precipitadamente pela escada secreta.

Entretanto Mimoso, obedecendo ás ordens do seu chefe, alcançára o parque, e logo aos primeiros passos viu e ouvio cousas que lhe deram muito que pensar.

Tinha ouvido junto de si pedaços de um colloquio, e o pouco que pudera apanhar fizera-o ficar parado no logar em que se achava.

— Mas então, dizia uma voz, vamos ficar de sentinelha aqui?...

— Que tem isso? replicou uma outra voz; desde que te pagam...

— Sim, não se pôde dizer que não nos pagam...

Seguiu-se uma pausa.

Mimoso não perdia uma syllaba.

— Dize cá, Rougeot, tornou a primeira voz; viste passar o pateta do Mimoso?

— Se vi! a prova é que me illudiu por alguns momentos.

— Elle suppõe-se bem disfarçado, porque pintou a lata de escumadeira com summo de alcaçuz. Talvez seja bom para os defluxos, mas para os disfarces não presta...

E Mimoso ouviu os dous interlocutores rirem-se ironicamente, mas baixinho.

Deve-se dizer-o, o seu amor-proprio estava singularmente offendido, e elle ia talvez ceder a um movimento irreflectido de colera, quando um incidente veiu de subito mudar o curso de suas resoluções.

Um grito de angustia acabava de erguer-se no meio daquella bella noite, e fôra lançar a confusão e o susto nas salas.

As dansas foram logo interrompidas, a musica cessára, grande numero de convidados, precedidos dos lacaios, espalhara-se pelo parque.

Dera-se evidentemente um accidente: de que natureza, porém, era elle?

Mimoso misturou-se aos grupos em desordem, e não tardou que descobrisse a causa daquelle abalo.

Era elle estranho e pareceu, no primeiro momento, incomprehensivel a todos.

XLVIII

Houvera a maior confusão nas salas, ao ouvir-se o grito que a condessa d'Orvado soltara. Mil perguntas se cruzaram de todas as partes, e os convidados se precipitaram para o lado donde o grito tinha partido.

Julietta foi uma das ultimas a quem chegou a fatal noticia.

Toda entregue á conversacão que travára com Gontran, não prestava maior attenção ao mais que se passava ao seu lado.

Quando, porém, ouviu o murmurio accentuar-se com exclamações de terror e indignação, levantou-se e correu para a primeira criada que passava.

— Luiza... disse com um gesto imperioso; que novidade ha, e que significa...?

A criada ficou indecisa.

— E'... perdão... dizem... balbuciou ella.

— O que é que dizem? que aconteceu?

— Dizem que a Sra. condessa acaba de ser rapada.

Julietta empallideceu e levou ambas as mãos ao peito.

— Minha mäi!... exclamou assustada.

E, voltando-se para Gontran estupefacto:

— Está ouvindo, senhor? perguntou em tom violento. Esta rapariga me annuncia que minha mäi acaba de ser victimá de uma cilada.

— E' impossivel!... respondeu Gontran.

Amargo sorriso arregajou os labios de Julietta.

— Impossivel! repetiu ella torcendo as mãos. Ah! entretanto... o senhor devia saber!...

— Saber o que?

— Foram os seus amigos, sem duvida, que fizeram isto... e o senhor sabia...?

— Eu!...

— Oh! minha mäi! minha mäi!... Adeus, senhor! mas tome cuidado! veja que esta violencia não me torne por minha vez implacavel e sem commiseração para com aquelles a quem préza!

E, proferindo esta ameaça, a moça desapareceu, offegante, oppressa, com o espirito possuido dos mais loucos terrores.

(Continua no proximo numero.)